



Alicia Alves de Almeida

Cássia de Souza Pardo-Fanton

**COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: O DESENVOLVIMENTO
SOCIOEMOCIONAL**

BAURU
2021

Alicia Alves de Almeida

Cássia de Souza Pardo-Fanton

**COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: O DESENVOLVIMENTO
SOCIOEMOCIONAL**

Monografia apresentada ao Programa Voluntário de Iniciação Científica do Centro Universitário UNISAGRADO, como parte integrante da Iniciação Científica, sob orientação da Profa. Ma. Cássia de Souza Pardo-Fanton.

BAURU
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A447c

Almeida, Alicia Alves de

Comunicação não-violenta na educação infantil: o desenvolvimento socioemocional / Alicia Alves de Almeida. -- 2021. 36f.

Orientadora: Prof.^aM.^a Cássia de Souza Pardo-Fanton

Monografia (Iniciação Científica em Pedagogia) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Comunicação Não-Violenta. 2. Educação Infantil. 3. Base Nacional Comum Curricular. 4. Habilidade Socioemocional. I. Pardo-Fanton, Cássia de Souza. II. Título.

Elaborado por Lidiane Silva Lima - CRB-8/9602

RESUMO

A presente pesquisa cujo tema é o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e o uso da comunicação não violenta no âmbito escolar, tem como intenção propor a noção das habilidades socioemocionais e seu desenvolvimento por meio da perspectiva da comunicação não-violenta no processo educacional infantil, com fundamentação na Base Nacional Comum Curricular. Dessa forma, tem como objetivo principal apresentar as contribuições do uso da Comunicação Não-Violenta nas abordagens de ensino da educação infantil. A partir da pesquisa bibliográfica foi possível ampliar a análise sobre o tema, reconhecendo a importância dos conhecimentos teórico-prático da Comunicação Não-Violenta na proposta de uma educação contextualizada. O papel do educador, bem como os desafios e as possibilidades foram apresentados e discutidos também. Como resultados, foram apresentadas sugestões pedagógicas de acordo com a BNCC, utilizando como base a Comunicação Não-Violenta dentro do contexto da sala de aula, visando auxiliar nos impasses enfrentados na profissão de educar, pensando em uma formação transformadora e integral. Concluímos que aplicar a abordagem Comunicativa Não-Violenta baseando-se em práticas sociointeracionistas é possível realizar atividades previstas pela BNCC e que auxiliem o professor a solucionar possíveis desafios em sala de aula, no entanto, pesquisas que apliquem as atividades no contexto escolar verificando, assim, a aplicabilidade desta proposta são fundamentais para sua validação.

Palavras- chave: Comunicação Não-Violenta. Educação Infantil. Base Nacional Comum Curricular. Habilidade Socioemocional.

SUMÁRIO

1.0 Introdução	06
2.0 Revisão de Literatura.....	09
2.1 A Base Nacional Comum Curricular.....	09
2.2 As Habilidade Socioemocionais.....	13
2.3 A Comunicação Não Violenta	17
3.0 Materiais e métodos	21
4.0 Resultados e Discussão.....	22
5.0 Considerações Finais.....	33
Referências	34

1. INTRODUÇÃO

A comunicação é um marco importante na trajetória das relações humanas. Por ser um ato essencialmente social, capacitou fortemente a sobrevivência do homem. Segundo Pereira (2003), a vida em sociedade remete a uma troca entre as pessoas, sendo apenas possível através do uso da comunicação. Seguindo esse raciocínio, a comunicação tem em sua constituição a ligação com as relações.

O advento da comunicação e seu aperfeiçoamento são de extrema importância para a compreensão enquanto homem que constrói seu tempo. E para isso, devemos ter em mente o quanto a linguagem, cultura e a tecnologia são unidades que não se podem separar do seguimento comunicação.

Ademais, nós seres humanos utilizamos de gestos e expressões faciais como forma de se comunicar e, assim, esses gestos foram se aperfeiçoando para gargalhadas e gritos, que denominamos de comunicação expressiva. Mas durante nossa evolução fomos nos apropriando da linguagem e da escrita; porém, na primeira não se tem uma explicação específica de como foi esse processo, para Cherry (1968, p. 23):

“O desenvolvimento da linguagem se reflete de volta no pensamento, pois, com a linguagem, os pensamentos se podem organizar e novos pensamentos surgir. A consciência de si próprio e o sentido de responsabilidade social apareceram como resultado de pensamentos organizados. Sistemas de ética e de leis foram edificados. O homem se tornou uma criatura social, consciente de si própria, responsável.” (CHERRY, 1968, p.23)

Assim, a comunicação possui vertentes as quais se referem ao seu processo. De forma geral e mais simples, partimos do Emissor- Mensagem- Receptor. Segundo Pereira (2003, p.14):

“Emissor: qualquer ser capaz de produzir e transmitir uma mensagem. Mensagem: qualquer coisa que o emissor envie com a finalidade de passar informações. Receptor: qualquer ser capaz de receber e interpretar essa mensagem. Toda comunicação tem esses três elementos.” (PEREIRA, 2003, p.14)

No que diz respeito ao social humano, o fenômeno comunicação pode alterar relações, as quais suas expressões podem estar referidas ao futuro, ao passado e ao presente. Contudo, vale-se ressaltar que essa pesquisa se destina sistematicamente a comunicação humana oral.

Logo, a Comunicação Não-Violenta, a diante referida como CNV, é uma condição da comunicação que foi instituída pelo psicólogo americano Marshall B. Rosenberg, em que sua aplicação iniciou nos anos 70 pelo governo americano em projetos federais em ambientes escolares e também em instituições públicas. Fundamenta-se na comunicação que tem como base a compaixão, empatia, atenção e respeito tanto no convívio em sociedade como no lidar consigo mesmo, reformulando acima de tudo nossa maneira de olhar, ouvir e expressar.

De acordo o instituto CNV Brasil (ROSENBERG, 2006), que se destina a pesquisar, publicar e formar profissionais que explorem a Comunicação Não-Violenta; “Ter empatia com outra pessoa abre a porta para o entendimento e conexão profunda.” (ROSENBERG, 2006, p4)

Percebemos então, que a prática da Comunicação Não-Violenta alcança diversos processos de comunicação e interação. Logo, o ambiente escolar está a todo momento envolvido ao ato da comunicação e suas interações. O relacionamento entre professor e aluno deve ser conduzido com afetividade, uma vez que criança possui um conjunto de emoções mais apurado.

Dessa forma, visando o autodesenvolvimento da criança e a sua aprendizagem, a afetividade é importantíssima para que haja o sentimento de confiança e segurança. Assim, a utilização da comunicação não-violenta na educação infantil ajuda na construção da identidade e no desenvolvimento integral da criança, decorrendo em futuros adultos com empatia e que saibam dominar suas emoções.

Contudo, toda implementação no contexto escolar, deve seguir as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular, , que se configura como um documento de caráter legal que tem a finalidade de normatizar dentro do contexto de educação escolar todas as aprendizagens consideradas essenciais, as quais os educandos precisam desenvolver durante as etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que seja assegurado os direitos de aprendizagens e desenvolvimento de acordo com o que Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece. Por este motivo, nossa pesquisa foi

fundamentada nas diretrizes da BNCC de acordo com a faixa que objetivamos alcançar.

Assim, a proposta de ofertar uma educação integral se baseia no ato de promover ao estudante o desenvolvimento em todas as suas dimensões, corroborando com a aprendizagem dos conhecimentos historicamente produzidos pelos seres humanos e no desenvolvimento das habilidades motoras, linguísticas, cognitivas e socioemocionais das crianças. Articular essas dimensões juntamente das habilidades, assegura as crianças o autoconhecimento e a leitura crítica do mundo e de suas questões sociais e políticas, além de proporciona ao sujeito uma atuação com discernimento e responsabilidade nos diversos contextos sociais e culturais.

“(...) a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva”. (BNCC, 2018, pág. 14)

Nesse sentido, pelo viés do ensino escolar, as Habilidades Socioemocionais ocupam um lugar relevante na formação integral das crianças e dos adolescentes, sendo uma das possibilidades, o trabalho pautado no processo de entendimento e aquisição de competências que favorecem o reconhecimento e domínio das emoções, por meio da educação.

Estas, ultrapassam a dimensão cognitiva, demandando de maneira intensiva o psicológico do ser humano (ABED, 2016). Entretanto, são competências fundamentais na formação de um cidadão prudente capaz de decidir e refletir a cerca de uma iniciativa, bem como confrontar situações atípicas ou novas, desempenhando um papel atuante na sociedade em que vive. Como diz Pereira (2019, p.9):

“As competências socioemocionais incluem um conjunto de habilidades que cada pessoa tem para lidar com as próprias emoções, se relacionar com os outros e gerenciar objetivos de vida, como autoconhecimento, colaboração e resolução de problemas. (PEREIRA, 2019, p.9)

Com base no exposto, essa pesquisa se faz relevante no contexto educacional pelo fundamento de aliar a Pedagogia com uma estratégia de comunicação que visa elevar o potencial emocional dos indivíduos e não reprimir, julgar e diminuir. Ainda, para a sociedade acadêmica, gera mais compreensão aos estudantes de que maneira aplicar tal comunicação em seu dia-a-dia profissional, dessa forma, a comunidade em

geral também pode se beneficiar ao conhecer estratégias de comunicação que promovam melhor compreensão nas relações.

Neste contexto, a pesquisa teve como objetivo principal apresentar as contribuições do uso da Comunicação Não-Violenta aliada às estratégias sociointeracionistas nas abordagens de ensino da educação básica, através do planejamento e proposta de atividades para a educação básica que visam promover a comunicação e seus potenciais benefícios quanto a articulação dos conceitos da BNCC na prática educacional.

No próximo capítulo, serão descritas as teorias que fundamentaram esta pesquisa e construíram os resultados.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Para a fundamentação teórica desta pesquisa foi necessário um eixo de três temáticas principais: fundamentar as diretrizes da BNCC, uma vez que qualquer projeto ou atividade realizada no ensino regular infantil deve seguir as diretrizes e campos estabelecidos e atualizados pelo Ministério da Educação; estabelecer as teorias que discutem habilidades Socioemocionais, previstas na base e também parte fundamental na formação integral do indivíduos – foco desta pesquisa; e por fim, conceituar e apresentar a teoria da Comunicação Não-Violenta que pode ser empregada em diferentes e variados contextos, e aqui, será aplicado ao contexto educacional infantil.

2.1 A Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular, mais conhecida pela sua abreviação BNCC é um documento de caráter legal que tem a finalidade de normatizar dentro do contexto educacional escolar todas as aprendizagens consideradas essenciais, que os educandos precisam desenvolver durante as etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que seja assegurado os direitos de aprendizagem e desenvolvimento de acordo com o que Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece.

Homologada em 2017 pelo Ministério da Educação (MEC), a BNCC é resultado de quatro anos de discussões, envolvendo a participação de diferentes entidades ligadas a educação, como também professores e especialistas de todo o Brasil. A fim

de que fosse expresso nesse documento, as exigências dadas pela Constituição Federal de 1988, pela Lei Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/1996), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) e pelos Documentos da ONU e Unesco, cumprindo juntamente com as demais leis referentes ao campo educacional vigentes no país.

Além do mais, na base se tem contidos conceitos estruturais, dado que sua proposta dispõe a referência nacional para elaboração e reformulação dos currículos e projetos políticos pedagógicos das instituições escolares. Além de “influenciar na formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais que serão revistos à luz do texto homologado da Base” (BRASIL, 2017, p.5).

No que diz respeito à Educação Infantil, se adota as modificações introduzidas na LDB, de modo que assegura a esta fase o reconhecimento enquanto unidade da educação básica. Assim, passa-se a dividir por faixa de idade, integrando crianças de 0 a 5 anos e 11 meses.

“(…) com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. E a partir da modificação introduzida na LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero a 5 anos”. (BRASIL, 2017, p. 35)

Ainda, a normativa com base na Resolução CNE/CEB nº 5/2009 da DCNEI, valoriza a concepção das crianças como sujeitos ativos que constroem sua identidade e subjetividade através da interação e vivência com pessoas e culturas do momento histórico presente. Essencialmente ao artigo 4º, no qual define a criança:

“(…) como sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”. (BRASIL, 2009, p.1)

Utilizando dessa concepção, Santos (2019) nos traz a memória que é na fase da infância que vivenciamos experiências que determinam nosso modo de ser e de se colocar no mundo. “A maioria de nossas crenças, dos nossos votos e das histórias que contamos a nós mesmos veio da infância. Foi lá que aprendemos a nos relacionar com nós mesmos e com o mundo” (SANTOS, 2019, p.23).

Dessa forma, a Base em concordância com as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (DCNEI) estabelece as interações e brincadeiras como eixos estruturantes das práticas pedagógicas desta etapa. Assim, a organização curricular da BNCC expõe direitos de aprendizagem para a Educação Infantil, sendo eles: Conviver, Explorar, Participar, Brincar, Expressar e Conhecer-se. Bem como cinco campos de experiências que acabam por definir os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para essa etapa escolar. Uma vez que compõem um conjunto de orientações, buscando nortear e apoiar o planejamento pedagógico dessa fase, com a intenção de relacionar as práticas docentes aos interesses e necessidades dos educandos (BRASIL, 2017).

Deste modo, de forma clara e sucinta os cinco campos de experiência da educação infantil estabelecidos pela BNCC, são:

- **O eu outro e o nós:** Por meio da interação social se é resultado experiências, que constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros. Que favorecem no reconhecimento das diferenças, na autonomia, na empatia e na reciprocidade. Ou seja, criar oportunidades para que as crianças tenham contato com outros grupos sociais e culturais. (BRASIL, 2017, p. 38)
- **Corpo, gestos e movimentos:** Com o corpo, as crianças exploram o mundo, espaço, objetos ao seu redor, estabelecem relações, expressam e produzem conhecimento. E através das diferentes linguagens conhecem e reconhecem as sensações e funções do corpo, os gestos, os movimentos, potencialidades e seus limites. Dessa forma, promover situações de contato com o lúdico e com o uso do corpo (sentar-se, pular-corda, saltar, etc.). (BRASIL, 2017, p.38-39)
- **Traços, sons, cores e formas:** O contato com as manifestações artísticas, culturais e científicas, possibilita as crianças vivenciarem divergentes formas de expressão e linguagens, como artes visuais, música, teatro, dança e o audiovisual. Visando o desenvolvimento do senso estético e crítico das crianças, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cercas. Dessa forma, possibilitar experiências com danças, mímicas, canções, desenhos, etc. (BRASIL,2017, p.39)
- **Escuta, fala, pensamento e imaginação:** Por meio da interação as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de

expressão e de compreensão. Assim oportunizar o contato com a literatura infantil, contos, cordéis, etc. (BRASIL, 2017, p.40).

- **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações:** As crianças a todo o momento estão em contato com diversos espaços e tempos, possuindo interação com o mundo físico e sociocultural. Além de experiência com conhecimentos matemáticos. Dessa forma, é preciso promover experiências que utilizem da observação, manipulação de objetos, explorar levantar hipóteses e consultar fontes de informações. (BRASIL, 2017, p. 40-41)

Perante o exposto, é possível observar que as cinco competências da BNCC e seus fundamentos pedagógicos se pautam no comprometimento com a educação integral para todas as crianças do território brasileiro, por intermédio da compreensão sobre as singularidades e diversidades entre os sujeitos. A Educação Básica deve promover formação e desenvolvimento do humano global, favorecendo a dimensão intelectual e afetiva em igualdade (BNCC, 2018)

Assim, a proposta de ofertar uma educação integral se baseia no ato de promover uma educação voltada para o desenvolvimento global do estudante em todas as suas dimensões. Pactuando assim, na aprendizagem dos conhecimentos historicamente produzidos pelos seres humanos e no desenvolvimento das habilidades motoras, linguísticas, cognitivas e socioemocionais das crianças. Articular essas dimensões juntamente dos campos de experiências, assegura as crianças o autoconhecimento e a leitura crítica do mundo e de suas questões sociais e políticas, além de proporciona ao sujeito uma atuação com discernimento e responsabilidade nos diversos contextos sociais e culturais.

Em sequência, serão descritas as teorias que fundamentam as Habilidades Socioemocionais e como devem ser aplicadas ao contexto infantil.

2.2 Habilidades Socioemocionais

Interpretadas como um construto multidimensional, as habilidades socioemocionais englobam um conjunto de características individuais no campo das relações sociais e das emoções em sua interação. No qual, ultrapassam a dimensão cognitiva, demandando de maneira intensiva o psicológico do ser humano (ABED, 2016). São competências fundamentais na formação de um cidadão prudente capaz

de decidir e refletir a cerca de uma iniciativa, bem como confrontar situações atípicas ou novas, desempenhando um papel atuante na sociedade em que vive. Como diz Pereira (2019, p.9):

“As competências socioemocionais incluem um conjunto de habilidades que cada pessoa tem para lidar com as próprias emoções, se relacionar com os outros e gerenciar objetivos de vida, como autoconhecimento, colaboração e resolução de problemas”.
(PEREIRA, 2019, p.9)

Nesse sentido pelo viés do ensino escolar, as Habilidades Socioemocionais, renomeadas hoje como HSE. Ocupam um lugar relevante na formação integral das crianças e dos adolescentes, sendo uma das possibilidades, o trabalho pautado no processo de entendimento e aquisição de competências que favorecem o reconhecimento e domínio das emoções, por meio da educação.

Ainda conceituando a relação entre as emoções e aprendizagem, Braz (2012) afirma que o sentimento de afetividade é uma condição crucial em relação ao desenvolvimento da autoestima em companhia da aprendizagem, pois, o contexto de sala de aula precisa incorporar-se do sentimento de respeito e valorização entre todos, de maneira conjunta com a compreensão e atividades dinâmicas.

Corroborando com os apontamentos anteriores, outros teóricos como os interacionistas se dedicaram aos estudos e ao desenvolvimento de teorias em torno dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano, cito apenas alguns como: Piaget, Wallon e Vygotsky, os quais colaboram em estudos de referências, e abordam nos seus conceitos suporte acerca da psicopedagogia oferecendo juntamente bases para refletir sobre os diversos fatores envolvidos na integração entre as habilidades cognitivas e socioemocionais no momento de aprendizagem.

Para Wallon (1977), a emoção é a ligação entre o orgânico e o social, e essa ligação não possui rupturas, mesmo que tenha intelectualização do indivíduo. Dentro dessa perspectiva social a partir do emocional, o autor concebe as emoções como mecanismo de sociabilidade, forma primitiva de comunhão que intervém e institui o indivíduo no mundo humano e o une ao mundo físico.

Por outro lado, considerando Zona de Desenvolvimento Proximal estabelecida por Vygotsky (apud COLE, 1998) pode-se dizer que a possibilidade sócia-histórica do

desenvolvimento humano busca a relevância de antes investigar as relações entre aprendizagem e desenvolvimento humano.

“Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”. (VYGOTSKY apud COLE, 1998, p. 112)

Com esse pensamento Vygotsky (apud COLE, 1998) mostra que esse procedimento vem da interação do diálogo entre indivíduo e o meio social, ou seja, o homem age sobre o meio e o modifica e vice-versa.

Nessa direção, também Piaget conforme citado por Andrade (2016, p. 3) nos ajuda a pensar o quanto o desenvolvimento cognitivo está vinculado com as relações sociais, pois o desenvolvimento da sociabilidade se relaciona com o desenvolvimento da inteligência, o que constrói uma estrutura bem determinada das relações da criança com os outros em cada estágio de sua evolução.

De igual valor e acrescentando ao estudo, Rocha (2005) afirma que todo desenvolvimento humano depende da ludicidade e suas mediações no comportamento do indivíduo, o que implica interação social e participação no mundo do outro, dando significado as formas de agir e pensar de cada um. As relações são mediadas por objetos, instrumentos e palavra, que devem ser utilizadas não apenas para comunicar, mas também para regular o comportamento de ambos os lados. E estas relações, ao longo da vida, que estabelecem interação da criança com a sua cultura, com as pessoas e até mesmo interpessoal.

Considerando esses pressupostos sobre o campo emocional e social no desenvolvimento infantil, é que surgiu a necessidade de se desenvolver a Aprendizagem Socioemocional (SEL- em inglês, *social and emotional learning*) como uma filosofia de ensino para o âmbito escolar, afim de colaborar no gerenciamento das emoções no convívio social, visando assim a formação integral das crianças. Sobretudo, em síntese a aprendizagem socioemocional teve sua autoria em 1994, nos Estados Unidos, com a criação do CASEL (*Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning*) uma organização internacional sem fins lucrativos, que se dedica à pesquisa e ao estudo do desenvolvimento das habilidades socioemocionais no âmbito escolar. Desde então, o objetivo desse conceito educacional é integrar elementos emocionais e sociais no âmbito escolar.

A partir daí, surgiram outras pesquisas e estudos internacionais e nacionais que se debruçaram sobre o tema, a fim de ressaltar a importância de trabalhar as competências socioemocionais na infância e no âmbito escolar. Outros, diferentemente, pesquisaram e defenderam a efetivação das mesmas em termos de políticas públicas. Diante disso, organizações como a Organização das Nações Unidas (ONU), Unesco (agência da ONU para Educação, Ciências e Cultura) e o Instituto Ayrton Senna (IAS) pautaram-se no desenvolvimento socioemocional no Nacional educativo.

Alicerçado a isso, a BNCC na Educação Infantil estabelece uma sequência de competências gerais que devem ser trabalhadas durante a trajetória escolar. Logo, se dá como parte da BNCC a inserção da educação socioemocional, constatando como passo importante no processo de ensino-aprendizagem e na formação do estudante enquanto indivíduo que compreende e sabe lidar com suas emoções.

Nesse sentido, com intento de trazer contribuições para o desenvolvimento da aprendizagem socioemocional no convívio escolar, Casel (2017) propõe domínios a serem trabalhados baseado em cinco competências, que podem ser sintetizados como se segue.

- Autoconhecimento – capacidade de reconhecer as próprias emoções, pensamentos, valores pessoais, bem como suas limitações e seus potenciais;
- Autocontrole – capacidade de gerenciar as próprias emoções, pensamento e comportamentos, incluindo controle dos seus impulsos e a definição de objetivos.
- Consciência Social – habilidade de assumir a perspectiva do outro, exercendo o sentimento de empatia, respeitando a diversidade.
- Habilidades de relacionamento – capacidade de estabelecer e manter relações sociais saudáveis, envolvendo comportamentos de cooperação, juntamente de uma comunicação clara e da escuta com empatia, buscando solucionar conflitos de forma construtiva e com respeito.
- Tomada de Decisões Responsáveis: habilidade de tomar decisões construtivas sobre comportamentos pessoais e interações sociais de acordo com as normas de conduta e padrões éticos de uma sociedade.

A HSE, tal como a SEL, visa proporcionar ao estudante o desenvolvimento integral, uma vez que compreende a educação como um fenômeno em uma determinada realidade, seja ela física, psicológica e social. Assim como a Comunicação Não-Violenta visa solucionar, por meio de uma relação empática, afetiva e acolhedora, os empasses que o cotidiano educacional pode enfrentar, a seguir serão detalhadas as características desta abordagem.

2.3 Comunicação Não-Violenta e a teoria de Marshall

A Comunicação Não-Violenta, é uma abordagem de comunicação que foi instituída pelo psicólogo americano Marshall B. Rosenberg, no qual a iniciativa de sua aplicação se teve nos anos 70 pelo governo americano em projetos federais nas escolas e em instituições públicas. Dado que seu fundamento tem como base a compaixão, empatia, atenção e respeito tanto no convívio em sociedade como no lidar consigo mesmo, reformulando acima de tudo nossa maneira de olhar, ouvir e expressar.

Conforme o instituto CNV Brasil (ROSENBERG, 2006), que se destina a pesquisar, publicar e formar profissionais que explorem a Comunicação Não-Violenta; “Ter empatia com outra pessoa abre a porta para o entendimento e conexão profundo.”

O ato de interpretar acontecimentos antes das tomadas de decisões é fundamental para que ocorra a prática da comunicação não-violenta. Pois sua intenção está associada ao pré-julgamento, à conduta, e, inclusive ao sentimento de desprazer causado muitas vezes por uma crítica, que nem sempre são construtivas e carregadas de empatia em sua produção.

Assim, a violência sutil é mais frequente que as agressões físicas e verbais, tal ato surge na interação com o outro, que não provém da intenção de estimular, e sim de exercer pressão e julgar. Para D' Ansembourg, trabalhar a consciência e a linguagem, livra o indivíduo de agir de maneira agressiva e violenta no dia-a-dia, o que imprime um tipo de violência que se manifesta através das palavras, e não física.

Para melhores interações comunicativas, o processo de comunicação deve se transformar na Comunicação Não-Violenta, Rosenberg (2006) estabelece quatro fases que se exploram elementos da interação verbal e não verbal, são eles:

- a **Observação** que, apesar de ao longo de nossas vidas nossas atitudes foram baseadas em julgamentos de valores, crenças e preconceito, devemos visualizar as situações sem levarmos em consideração nosso ponto de vista;
- o **Sentimento** que se refere a ação de identificar de maneira honesta o sentimento que foi desencadeado a partir das circunstâncias ali existentes;
- a **Necessidade** que é a fase que precisamos entender o motivo de termos nos sentindo daquela forma;
- o **Pedido**, momento a qual se formula a mensagem que deseja passar, de forma passiva e compreensiva.

Percebemos então, que a prática da Comunicação Não-Violenta alcança diversos processos de comunicação e interação. Logo, o ambiente escolar está a todo o momento envolvido ao ato da comunicação e suas interações. O relacionamento entre professor e aluno deve ser conduzido com afetividade, uma vez que criança possui um conjunto de emoções mais apurado.

A CNV permite desenvolver uma observação que identifica os comportamentos e condições que nos afeta, assim, ouvimos as nossas necessidades e as dos outros, construindo um relacionamento sob um novo enfoque.

Em seu livro Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais (2006), Rosenberg descreve como a abordagem comunicativa é eficaz tanto para a autodesenvolvimento como para a construção de relações com o outro. E traz relatos de como esta técnica ajudou a melhorar a relação de diferentes profissionais.

De acordo com o autor, uma professora reconheceu a abordagem efetiva em diferentes tipos de alunos, inclusive aqueles com problemas de linguagem, aprendizagem e comportamento. O relato diz que um determinado aluno que cuspiava, falava palavrões, gritava e espetava com o lápis alunos que se aproximavam de sua carteira, conseguiu, através do pedido, expor o que o incomodava e solicitar que os colegas não se aproximassem de sua carteira, os quais recebiam com compreensão e solucionava o problema. Ainda, quando o aluno demonstrava raiva, a professora o controlava dizendo: “Preciso que você preste atenção em mim”, mais uma vez

deixando claro a solicitação que ela queria, mesmo que repetisse esta frase 100 vezes ao dia, eventualmente o aluno acabava compreendendo a mensagem e se concentrava na aula. (ROSENBERG, 2006, p.29)

Embora a comunicação envolva linguagem em sua grande parte, a CNV não é meramente algumas técnicas que utilizam palavras; a consciência e a intenção podem ser expressas pelo silêncio, pela expressão corporal e pela linguagem corporal (ROSENBERG, 2006). Como dito anteriormente, a comunicação envolve o todo, e seu corpo também fala através de suas necessidades. Por isso, é importante que nas trocas interpessoais haja momentos de empatia silenciosa, narrativas, humor, gestos, que contribuem para que seja estabelecida uma conexão mais natural.

Por outro lado, algumas práticas na comunicação levam para o bloqueio da compaixão. Segundo Rosenberg (2006), é necessário evitar certos costumes na comunicação que levam ao outro se fechar e se sentir julgado, avaliado e diminuído. É necessário que se separe observação de avaliação, pois esta combinação tende a provocar um sentimento de crítica e resistência ao que lhe foi dito. Ainda, a CNV desestimula as generalizações, pois estas podem levar a má interpretação. Devemos observar de forma específica e clara, em um tempo e contexto determinado.

A seguir, o autor elabora um quadro que explica exatamente como distinguir as observações isentas de avaliação daquelas que têm avaliações associadas:

Comunicação	Exemplo de observação com avaliação associada	Exemplo de observação isenta de avaliação
1. Usar o verbo <i>ser</i> sem indicar que a pessoa que avalia aceita a responsabilidade pela avaliação.	Você é generoso demais.	Quando vejo você dar para os outros o dinheiro do almoço, acho que está sendo generoso demais.
2. Usar verbos de conotação avaliatória.	João vive deixando as coisas para depois.	João só estuda na véspera da prova.
3. Implicar que as interferências de uma pessoa sobre os pensamentos, sentimentos, intenções ou desejos de outra	O trabalho dela não será aceito.	Acho que o trabalho dela não será aceito. Ou: Ela disse que o trabalho dela não seria aceito.

são as únicas possíveis.		
4. Confundir previsão com certeza.	Se você não fizer refeições balanceadas, sua saúde ficará prejudicada.	Se você não fizer refeições balanceadas, temo que sua saúde fique prejudicada.
5. Não ser específico a respeito das pessoas a quem se refere.	Os estrangeiros não cuidam da própria casa.	Não vi aquela família estrangeira da outra rua limpar a calçada.
6. Usar palavras que denotam habilidade sem indicar que se está fazendo uma avaliação.	Zequinha é péssimo jogador de futebol.	Em vinte partidas, Zequinha não marcou nenhum gol.
7. Usar advérbios e adjetivos de maneiras que não indicam que se está fazendo uma avaliação.	Carlos é feio.	A aparência de Carlos não me atrai.

Adaptada de Rosenberg (2006)

Assim, como através dos exemplos acima é possível que modulemos nossa fala, afim de observar sem avaliar e causar um sentimento de julgamento e crítica no outro, devemos identificar e expressa sentimentos de forma clara e objetiva. Para Rosenberg (2006), expressar nossa vulnerabilidade pode ajudar a resolver conflitos, assim como expressar nossos sentimentos dando nomes ao que sentimos, e não generalizar o que estamos tentando expressar: ao invés de dizer – “estou me sentindo irritado.” – diga simplesmente – “estou irritado.” Quando distinguimos pensamentos de sentimentos e dizemos o que sentimos e o que pensamos em relação à nós mesmos a aos outros, ajudamos a resolver conflitos e reconhecer os sentimentos que foram gerados desta relação.

Por fim, assumir responsabilidade por nossos sentimentos e saber expressar o que pedimos, são os dois últimos componentes da CNV que devem ser modulados. Saber que o que os outros dizem podem ser o estímulo dos nossos sentimentos, mas nunca a causa, faz com que tenhamos consciência de que somos responsáveis pela maneira que sentimos, mas não pela forma como os outros sentem, e assim, nunca poderemos atender as nossas próprias necessidades às custas do outro. Ainda, quando falamos, quanto mais claros formos em relação ao que solicitamos, ou desejamos obter como retorno, mais provável que consigamos atingir nossos

objetivos com a comunicação. Pedidos são tidos como exigências quando o ouvinte acredita que será castigado ou punido se não atender à solicitação. Em nossa fala, podemos ajudar ao outro a confiar de que estamos fazendo um pedido genuíno e não uma exigência, e que o fazer é de livre e espontânea vontade da outra parte (ROSENBERG, 2006).

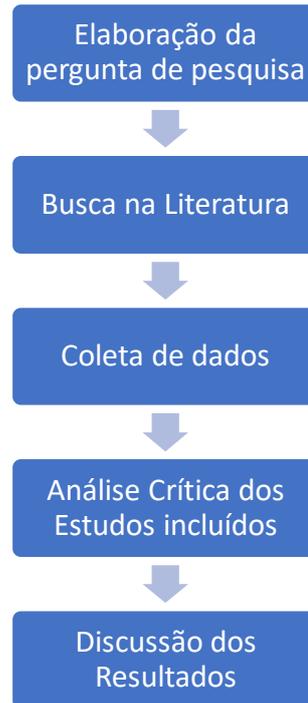
Dessa forma, visando o autodesenvolvimento da criança e a facilidade de aprendizagem, a afetividade é importantíssima para que haja o sentimento de confiança e segurança. Sendo assim, a utilização da Comunicação Não-Violenta na educação básica ajuda na construção da identidade infantil e no desenvolvimento integral da criança, decorrendo em futuros adultos com empatia e que saibam dominar suas emoções. E para que esta abordagem ocorra de modo eficaz, é preciso que no convívio escolar o professor utilize as 4 fases referidas acima.

A seguir, serão detalhados os processos utilizados para desenvolver esta pesquisa.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa utiliza pressupostos teóricos metodológicos da pesquisa bibliográfica interativa, sob abordagem qualitativa, buscando explorar as habilidades socioemocionais aliadas a Comunicação Não-Violenta teorizada por Marshall B. Rosenberg (2006), em conjunto da análise do referencial teórico da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), para a elaboração das sugestões pedagógicas sobre a temática estudada. De acordo com Fonseca (2002), apud Gerhard; Silveira (2009), toda pesquisa tem caráter bibliográfico, pois é neste processo que se fundamenta as questões a que se querem responder, no entanto, algumas pesquisas são delineadas principalmente pelo caráter bibliográfico e busca discutir aspectos relevantes à luz de teorias já publicadas.

Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida por diferentes etapas assim como estabelece a metodologia referida, observe o fluxograma abaixo:



Na primeira realizamos levantamento bibliográfico sobre o panorama dos desafios da socialização em vivências do ensino infantil; o conceito de comunicação não-violenta e a Habilidades Socioemocionais. Como critérios de inclusão foram selecionados artigos que descreve as habilidades socioemocionais, que as apliquem na prática pedagógica e que fossem datados de 2010 a 2020, a seleção foi realizada usando os descritores “Comunicação Não-Violenta”, “Educação” e “Habilidades Socioemocionais” nas bases de busca. Na segunda etapa discutimos sobre como bibliografia levantada poderia ser relacionada às vivências do pedagogo do ensino infantil e, decidimos por elaborarmos as propostas de estratégias a serem utilizadas com as crianças a partir de problemáticas comuns na fase de alfabetização, enfatizando a prática da Comunicação Não-Violenta.

Os encontros, entre pesquisadora e orientadora, foram realizados remotamente via Plataforma *Teams* referentes ao Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) durante o período de agosto de 2020 a março de 2021, devido a Pandemia do Coronavírus.

Com as teorias alinhadas, as propostas foram elaboradas a partir de problemáticas estabelecidas e à luz da teoria levantada, com o foco de integrar as teorias à prática pedagógica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão descritos os resultados parciais desta pesquisa, que envolvem a elaboração de possíveis atividades baseadas na Comunicação Não-Violenta buscando reforçar as habilidades socioemocionais na educação infantil.

Dessa forma, como se trata de uma pesquisa com caráter bibliográfico, o que trazemos aqui é um conjunto de reflexões à luz de teorias que se justificam como exemplo de nossas propostas. Focalizando no ensino educacional infantil, na tentativa de promover as habilidades socioemocionais e o desenvolvimento integral nos alunos, bem como contribuir na solução dos fatores que legitimam a possibilidade dessas propostas.

Sabe-se que a Educação Infantil é considerada uma das etapas mais importantes da formação de crianças, visto que além de reunir o ensino educacional com o cuidado é por meio dela que as crianças desencadeiam um convívio em sociedade distante do núcleo familiar. Na concepção de Silva, Batista e Bezerra (2016):

A escola de educação Infantil exerce grande influência na formação da personalidade e na construção dos valores. É através dela que a criança aprende a lidar com seus desejos, a renunciar seus hábitos e exigências e a ser tolerante em suas frustrações, modificando seus comportamentos que são os traços da sua personalidade e que vem a ser estabelecida no decorrer de sua trajetória pré-escolar. (SILVA; BATISTA; BEZERRA, 2016, p.10)

Apesar disso, para Simões (2020), na rotina escolar há inúmeras dificuldades de aprendizagem, as quais estão presentes em diversas salas de aula. No entanto, se faz de extrema importância, que o docente a princípio busque detectar e descobrir alternativas que favoreçam seus alunos, impulsionando o apoio escolar, familiar e se preciso de especialistas para essa ação. Uma vez que:

Não podemos deixar que a dificuldade de aprendizagem deixe crianças sem alfabetização, sem o conhecimento, da cultura e da vida social, por falta de instrução. Dessa maneira concluímos que a aprendizagem envolve prazer, dedicação do professor, apoio pedagógico e contribuição familiar. (SIMÕES, 2020, p. 3045).

Acerca das dificuldades de aprendizagem, nos deparamos no processo de ensino com a falta de confiança, ausência de interesse, desmotivação por parte do aluno. Por consequência de possíveis sentimentos estigmatizados que a criança possa ter, por razão de experiências negativas no contexto familiar, ou até mesmo por não conseguir acompanhar o ritmo escolar da turma ou pela desvalorização do professor por causa de sua dificuldade. Diante dessas considerações, Machado (1992) discorre a respeito desses sentimentos:

Qualquer que seja a causa da dificuldade de aprendizagem de forma geral, a criança que falha em conseguir acompanhar o sistema instrucional rotineiro, desenvolvido em sala de aula, é passível de adquirir sentimento e cognições negativas sobre as atividades escolares. Os sentimentos podem incluir medo, frustração, raiva, atitudes negativas perante si mesma e a escola, levando a comportamentos de passividade, apatia, agressão, comportamentos às vezes muito distantes de outros exibidos pela mesma criança, em outras situações de vida diária. Esta criança vai também formando, ao longo de suas experiências escolares, concepções sobre o universo escolar. (MACHADO, 1992, p. 17).

Desse modo, é necessário dizer que além das dificuldades de aprendizagem podemos nos deparar dentro do contexto escolar transtornos e problemas de aprendizagem, os quais possuem uma característica em comum, ou seja, dificultam o ritmo de aprendizado de uma pessoa. Nessa perspectiva, Silva, Batista e Bezerra (2016, p.4) explicam que “[...] à agressividade e a indisciplina têm sido vistas pelos mestres da educação como um dos maiores problemas na aprendizagem das crianças. A indisciplina é um dos principais empecilhos da aprendizagem na escola durante as aulas.”

Nesse contexto, é válido colocar em prática a teoria da Comunicação Não-violenta de Marshall B. Rosenberg (2006) e a corrente da psicologia do desenvolvimento do sociointeracionismo, que possui como principal referência o estudioso Lev Vygotsky (1994), fundamentando assim o lúdico, ainda que não representem uma receita pedagógica expõem fundamentos que cooperam no desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Além de serem uma alternativa a favor de solucionar ou minimizar essas dificuldades, transtornos ou problemas de aprendizagem mediante a interação professor-aluno ou aluno-aluno.

E, com base nessas perspectivas, acredita-se que:

[...] o desenvolvimento inclui, ao mesmo tempo, uma dinâmica interna e alguns processos que 'vão de dentro para fora' [...] A interação com as outras pessoas e, de modo específico, a participação nas situações interativas nas quais recebemos o suporte e a ajuda explícita de membros mais especializados e componentes do grupo social constituem fatores decisivos para explicar o desenvolvimento humano (SALVADOR, 2007, p. 85).

Assim, podemos perceber a relação entre o processo de desenvolvimento das pessoas em meio aos processos educativos, demonstrando como fator fundamental a interação com os outros. Por esse motivo, acreditamos que os conhecimentos e as habilidades adquiridas por meio de mediações e a participações em situações educativas, sucederia ao desenvolvimento integral.

Semelhante ao que é defendido por Salvador (2007), Silva, Batista e Bezerra (2016) apontam que é redigido ao docente o papel de delinear as relações sociais no âmbito escolar, assim como reconhecer o conhecimento prévio e as experiências das crianças trazidas do convívio familiar, dando base para novas experiências.

Contudo, torna-se importante ressaltar que ao oferecer uma prática voltada a educação infantil, coloca-se em questão a formação da personalidade, que segundo Silva, Batista e Bezerra (2016):

É de primordial importância que os problemas sejam analisados e resolvidos ainda na infância, para que mais tarde as crianças não se tornem adultos violentos com dificuldades de regeneração, visto que sua personalidade já estará construída e será difícil a modificação e a construção de novos valores. (SILVA; BATISTA; BEZERRA, 2016, p.9)

Ainda, foram seguidas as orientações BNCC que caracterizam os cinco conceitos estruturais, de referência nacional para elaboração e reformulação dos projetos pedagógicos das instituições escolares, influenciando na formação continuada dos educadores e na produção de materiais didáticos (BRASIL, 2017, p.5). Dessa forma, os cinco campos de experiência foram explorados nas atividades propostas como solução para os desafios de aprendizagem, a saber: **O eu outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala,**

pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Sendo assim, a seguir serão expostas em forma de um quadro sugestões pedagógicas levantadas por meio da pesquisa bibliográfica da temática estudada. Ressaltamos ainda que, as sugestões presentes no quadro não são normativas, e nem definem abordagens, resultando apenas em um quadro informativo com atividades que buscam contribuir nas abordagens educacionais dos docentes.

Quadro 1- Desafios, reflexões e sugestões a serem discutidas para estabelecer a comunicação não-violenta como alternativa que contribui na mediação docente

Desafio	Reflexão	Sugestões
O ALUNO POSSUI FALTA DE INTERESSE.	Habilidade socioemocional a ser desenvolvida: É preciso encontrar maneiras de chamar a atenção e engajar os educandos. Campo de Experiência: Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.	ATIVIDADE: Levar os alunos para a quadra e promover uma gincana com o conteúdo a ser ensinado.
DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO COM OS PAIS OU RESPONSÁVEL.	Habilidade socioemocional a ser desenvolvida: Se faz necessário conscientizar os pais sobre a importância da parceria. Logo, o professor e direção da instituição educacional precisam conhecer o perfil dos responsáveis e alinhar as expectativas dos mesmos com as da escola. Campos de Experiência: O eu outro e o nós; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.	ATIVIDADE: Fazer dinâmica com os pais em um momento de reunião para aproximar os adultos das dificuldades dos alunos.
FALTA DE CONFIANÇA POR PARTE DO ALUNO.	Habilidade socioemocional a ser desenvolvida: As crianças necessitam de responsabilidades, para que possam se sentirem	ATIVIDADE: Ajudante do dia, deve se feito uma escala de participantes e colocado

	úteis e capazes de gerir alguma situação. Campos de Experiência: O eu outro e o nós;	em um lugar visível da sala, cada dia será um participante diferente. Caso alguma criança não quiser participar, seu desejo deve ser respeitado e sem maiores perguntas.
ALUNO POSSUI DIFICULDADE EM SE RELACIONAR.	Habilidade socioemocional a ser desenvolvida: Para o ato de educar é preciso se relacionar. No entanto, para as crianças muitas das vezes é difícil participarem/acompanharem uma conversa regular. Aqui estão algumas atividades para ajudar a desenvolver uma conversa. Campos de Experiência: Escuta, fala, pensamento e imaginação.	ATIVIDADE: Contação de história improvisada com as emoções: Para jogar este jogo coloque fotos de diferentes emoções com a face para baixo sobre a mesa. E o jogador pega uma carta e começa a narrativa. Ele pode levar a história em qualquer direção que ele gosta, mas ele deve incorporar a emoção descrita no cartão.
O ALUNO DESEJA TUDO AO SEU MODO, PRESENÇA DO EGOCENTRISMO.	Habilidade socioemocional a ser desenvolvida: O egoísmo é um dos sentimentos que as crianças não conseguem controlar facilmente. Logo, estimular o convívio natural aumenta o sentimento de reconhecimento do outro como igual, e ter contato físico é essencial para acalantar as relações pessoais. Campos de Experiência: Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos,	ATIVIDADE: Jogo de tabuleiro: para trabalhar a noção de coletividade. E suas normas e regras devem ser respeitadas por todos os participantes. E, assim, aprendem, entre outras lições o ato de compartilhar.

	quantidades, relações e transformações.	
O ALUNO RECUSA-SE EM REALIZAR AS TAREFAS ESCOLARES.	<p>Habilidade socioemocional a ser desenvolvida: Há a diversos motivos que levam o estudante a ter comportamentos negativo diante as tarefas escolares, que possivelmente pode ser de origem cognitiva, emocional, didática e familiar. Em vista disso, se é necessário conversar com o aluno e com sua família para identificar e compreender a natureza desse descontentamento.</p> <p>Campos de Experiência: O eu outro e o nós; Traços, sons, cores e formas; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.</p>	<p>ATIVIDADE:</p> <p>Nesse contexto, os jogos digitais têm um destaque importante. Servindo como aliados no processo de aprendizagem, essas ferramentas conseguem engajar as crianças, propondo desafios de dificuldade progressiva e assim fazendo com que os mesmos mobilizem uma série de recursos cognitivos no ato de jogar. Logo, o Professor adquire o papel de incentivador e gerenciador desse processo.</p>
COMPORTAMENTO AGRESSIVO POR PARTE DO ALUNO.	<p>Habilidade socioemocional a ser desenvolvida: É de fundamental importância trabalhar sobre a raiva. No entanto, como adultos devemos acolher e lidar com esse sentimento das crianças com calma, transformando-o em algo positivo. Pois muitas vezes a criança sente raiva e não sabe lidar com esse sentimento.</p> <p>Ações: A princípio é preciso demonstrar a sua desaprovação com o ato de agressividade, posteriormente conversar com a criança sobre o que ela sentiu, reforçando as emoções e sentimentos: “Eu sei que você ficou muito bravo com seu colega, mas bater não vai resolver o</p>	<p>ATIVIDADE:</p> <p>Construir o próprio brinquedo com materiais recicláveis em grupo, os alunos escolheram o que irão produzir e a professora irá ajudar no planejamento e na execução da atividade, reunindo os materiais necessários. Permitindo assim, à criança acertar, errar, gostar, não gostar, ou seja, refletir, de forma mais simples sobre as suas atitudes e as consequências das mesmas.</p>

		<p>problema. Você tem que conversar!”</p> <p>Campos de Experiência: O eu outro e o nós; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.</p>	
CONFLITOS E DISCUSSÕES ENTRE ALUNOS.		<p>Habilidade socioemocional a ser desenvolvida: É importante garantir que todas as partes falem e se escutem. Peça para que elas digam o que sentem e que confirmem o que os colegas estão dizendo.</p> <p>Campos de Experiência: O eu outro e o nós; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.</p>	<p>ATIVIDADE:</p> <p>Semáforo dos Combinados. Em roda, cada pode falar o que acha que deve ser permitido ou não na escola, enquanto a professora faz o papel de mediadora da discussão. Após a conversa, será desenhado um semáforo na cartolina que será preso na parede da sala, acrescentando:</p> <p>No sinal verde: o que é permitido. No sinal vermelho: o que é proibido!</p>
MENTIRA POR PARTE DOS ALUNOS.		<p>Habilidade socioemocional a ser desenvolvida: Se faz necessário, usar uma linguagem positiva e sem julgamentos para resolver tal situação.</p> <p>Campos de Experiência: O eu outro e o nós; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.</p>	<p>ATIVIDADE:</p> <p>Trabalhar a fábula “O pastor mentiroso e o Leão.” E depois em roda, iniciar um diálogo com a turma sobre a história, levantando questões sobre a mentira.</p>

Elaborada pelas autoras.

Considerando o acima exposto, o encontro destas teorias - Comunicação Não-Violenta de Marshall B. Rosenberg (2006) e a psicologia do desenvolvimento do sociointeracionismo de Vygotsky (1994) – juntamente dos princípios da BNCC, emerge a compreensão de que no contexto educacional infantil, o ato e a prática de aprender e ensinar se torna responsabilidade de todos. Posto que, cada criança com subjetividade, adquire e constrói seu conhecimento a partir das interações sociais e mediações que vivencia.

Contudo, conforme já mencionado quando nos referimos a aprendizagem escolar sabemos da presença de múltiplos fatores que influenciam diretamente ou indiretamente, e possivelmente comprometem o futuro escolar dos estudantes. Assim, temos que considerar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças e as situações escolares que interferem diretamente no desenvolvimento dos mesmos.

Nesse aspecto pode ser compreendido que no meio escolar o professor pode se deparar com a **falta de interesse por parte dos alunos em diversas situações**, podendo ter relação ao sentimento de desmotivação acerca do contexto e na execução das tarefas proposta ou até mesmo por desconhecer do que se trata, conseqüentemente prejudicando a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, Vygotsky (apud, MELLO, 2003, p.73-74) o aluno só aprenderá se o ensino estiver próximo a ele, ou seja, se houver motivação em aprender algo novo, mas que não esteja muito além de suas habilidades. Dessa forma, apresentar o conteúdo proposto nas bases de maneiras diferentes e utilizando o ser como um todo, pode promover motivação e interesse em desenvolver habilidades já adquiridas e explorar novas. Mas, para isso, as atividades devem condizer com as capacidades cronológicas dos alunos, assim como confere a BNCC (2020), para cada ciclo há uma habilidade a ser desenvolvida. Para tanto, nesse entremeio, deve ter em consideração na elaboração das atividades educacionais as práticas sociais que concernem o cotidiano dos discentes, seus interesses, seus medos, suas necessidades, sua cultura e os temas que instigam sua atenção.

Transversalmente, como forma de contribuição direta do docente no processo de aprendizagem desses alunos, há necessidade de se conhecer seus alunos, sua cultura e o contexto social que se encontra inserido. Dessa forma, se demonstra a

importância da participação familiar, para juntos inteirarem e contribuírem no desempenho escolar do educando.

Assim, a **dificuldade de comunicação com os responsáveis** legais é uma situação que de certa forma interfere no progresso desses alunos. Frente a esse fato, cuja origem pode advir de diversas razões, podemos utilizar das vertentes da CNV expressas por Rosenberg (2006) como propulsores para a compreensão familiar sobre o seu papel e importância no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, e se possivelmente na solução a essa adversidade. Por exemplo, é comum que os responsáveis não compreendam ou não alcancem o papel essencial da educação, sendo assim, é papel do professor almejar alcançar uma comunicação que seja efetiva nesta conscientização, formulando pedidos de forma clara, objetiva e que esclareça os propósitos do sistema educacional, sempre acompanhadas dos sentimentos que interferem tal solicitação, pois pedidos que não carregam o sentimento envolvido na necessidade podem soar como exigências, e assim, a comunicação se torna ineficaz. Ainda, para Rosenberg (2006), quando deixamos a avaliação e interpretação falar por nós o ouvinte pode interpretar como crítica e seu sistema de autodefesa responderá no lugar da comunicação.

Quanto ao **processo de ensino-aprendizagem da criança**, se requer um processo de socialização. Conseqüentemente, se demanda do indivíduo enquanto estudante a mobilização e o desenvolvimento de estímulos respostas decorrentes das interações que a criança estabelece com a comunidade escolar e o social. Por tanto, a maneira o qual a criança se comporta e se relaciona com as demais e com os funcionários e professores, é capaz de revelar a forma que ela se reconhece e se trata.

Diante desses fatores, outro fator prejudicial é **a falta de confiança do aluno e/ ou dificuldade em se relacionar com seus colegas e professores**. Deste modo, é válido o uso da Comunicação Não-Violenta (CNV) como forma de contribuição dentro do contexto de sala de aula, com o propósito de que o estudante supere seu complexo de inferioridade e passe a confiar na sua capacidade. Uma vez que, esta abordagem se baseia na construção de um relacionamento fundado na empatia e na sinceridade, assim, o professor ao se comunicar para um grupo, ou um aluno em especial, deve ser bem claro em expressar que todas as suas solicitações são pedidas e/ou preocupações genuínas e não deixar transparecer um sentimento de exigência,

cobrança ou autoridade, que pode gerar no aluno um sentimento de culpa, raiva e vergonha. Dessa forma, ao construir um relacionamento baseado em honestidade e empatia, todos se beneficiam de ter suas necessidades atendidas (professor e aluno) (ROSENBERG, 2006, p. 239)

Alguns alunos enfrentam dificuldades ao se relacionar socialmente. No entanto, vale ressaltar que somos seres sociais e que precisamos do processo de socialização para desenvolvermos nossa capacidade humana, visto que desde a primeira infância aprendemos por meio do contato com as pessoas da nossa família e suas interações conosco. Os alunos do ensino infantil em especial, **tendem a querer tudo ao seu modo** e serem egocêntricos, Piaget (1994) esclarece que atitudes egocêntricas na infância ocorrem devido a uma indiferença entre o eu e o meio social. Dessa forma, a BNCC já prevê em suas diretrizes que “**o eu outro e o nós**” seja construído na educação infantil, contudo, o professor deve mediar a aprendizagem e construção do socioemocional dos alunos por meio de estratégias que promovam interatividade e que desafiem o aluno a se incluir no meio em que está se relacionando, utilizando sempre da empatia e compreensão. Sasso e Morais (2013) observaram que este movimento faz com que o sujeito (aluno) se desassocie do próprio eu ou do objeto, considerando outros pontos de vista, criando um sistema de relações comuns e recíprocas com os outros.

Pensando nisso, na educação infantil, as práticas sociointeracionistas à luz da BNCC podem ser uma ponte de grande importância para a inserção ao desenvolvimento social por meio daquilo que se tem como conhecimento prévio de cada aluno. Uma vez que concedem ao professor o papel de mediar a aprendizagem, por meio de estratégias que promovam a interação e a criatividade, despertando no aluno interesse através de situações desafiadoras que necessitam de sua participação ativa no meio social em que está inserido. (VIANA, et. al, 2021, p. 13)

Comportamentos agressivos, recusas em realizar tarefas, conflitos, discussões e mentiras, podem ocorrer atreladas ou em momentos diferentes, por diferentes motivos. A criança vê o mundo sob a perspectiva pessoal, assimilando tudo ao seu entorno, é muito importante que estes comportamentos não sejam recebidos por parte dos professores (no contexto escolar) e pelos responsáveis (no contexto social) de maneira igualmente agressiva, mentirosa e conflituosa. Para Piaget (1999), o indivíduo precisa se adaptar no meio em que está inserido, equilibrando ações por

meio de outras ações observadas, ou seja, reverter o seu modo de ação e pensamento, num processo contínuo de autorregulação. A CNV neste contexto se torna fundamental para que o aluno com dificuldades comportamentais se sinta acolhido, seguro e respeitado em suas tentativas de autorregulação, o que somente vai acontecer depois de uma longa e persistente ação social. (SASSO E MORAIS, 2013)

Entretanto, muitos fatores podem colaborar ou influenciar na dinâmica aluno-professor, pois aspectos emocionais, sociais e familiares que ultrapassam o ambiente escolar não são de responsabilidade nem controle do professor. O que é levantado nesta pesquisa, é que a atitude e abordagem do professor perante todos estes desafios deve regular e promover uma comunicação efetiva e empática dentro do ambiente escolar e, assim, auxilie na construção do indivíduo como um todo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas realizadas e nas atividades propostas, foi possível concluir que a Comunicação Não-Violenta pode contribuir amplamente no ambiente escolar, promovendo uma aprendizagem significativa e que promove a construção do indivíduo como um todo.

Ainda, é possível aliar as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular às práticas de interação socioemocionais e numa abordagem de comunicação empática, honesta e objetiva, para que assim os desafios enfrentados no ambiente escolar tenham desfechos calcados na construção do indivíduo.

Ressalta-se que esta pesquisa teve como objetivo propor atividades que fossem baseadas nos fundamentos da Comunicação Não-Violenta e Sociointeracionista, sempre seguindo o proposto pela base nacional, porém pesquisas futuras que aplicassem estas atividades no ambiente escolar e mediasse os desfechos a partir desta proposta seriam de grande contribuição para a área e para a fundamentação desta pesquisa.

Portanto, apesar dos objetivos desta pesquisa terem sido atingidos, ainda existe um grande caminho até que estas práticas sejam enraizadas no cotidiano da educação infantil.

REFERÊNCIAS

- ABED, Anita Lilian Zuppo. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.** Constr. Psicopedag., São Paulo , v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016 . Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100002&lng=pt&nrm=iso >. Acessos em 27 ago. 2021.
- ANDRADE, Jakeline Alencar. **A interação social nos estudos de jean piaget.** Anais VIII FIPED... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: < <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/24909> >. Acesso em: 24 ago. 2021.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5/2009.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 18 dez de 2009. Acessado em: 07. Set. 2021. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192 >
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 dez.1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: Senado Federal, 1990.
- BRAZ, A. B. **A importância da auto estima no desenvolvimento e aprendizado das crianças.** Revista Atitude empreendedora, São Paulo 2012. Disponível em: <http://www.antoniabraz.com.br/artigo.asp?id=17>
- CASEL. **Resources: Infographics.** Disponível em: <https://casel.org/resources-infographics/>>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- CASTRO, Denilson Barbosa. MARTINS, Paulo Fernando de Melo. **Correlação entre a justiça restaurativa e a comunicação não violenta com a educação.** Revista Esmat. V.1, n. 9, p. 107 – 142, 29 jun.,2016. Disponível: <https://doi.org/10.34060/reesmat.v7i9.42>. Acesso em: 13 out. 2020.
- CHERRY, Colin. **A Comunicação Humana: uma recapitulação, uma visão de conjunto e uma crítica.** Tradução de José Paulo Pães. São Paulo: Editora Cultrix Ltda,1971.
- COLE, Michael. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 1988.
- Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning – CASEL. (2003). **Na educational leader’s guide to evidence-based.** Disponível: < <https://www.casel.org/wp-content/uploads/2016/01/PDF-16-safe-and-sound.pdf> >. Acesso em: 10 set. 2021.
- Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning – CASEL. (2017). **Framework for systemic social and emotional learning.** Disponível: < <http://www.casel.org/what-is-sel> >. Acesso em: 10 set. 2021.
- D’ANSEMBOURG, Thomas. **Deixe de ser bonzinho e seja verdadeiro. Como se relacionar bem com os outros sendo você mesmo.** Tradução de Maria de Fátima Olivia Do Coutto. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- GERHARDT, Tatiana Angel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS.** Curso de Graduação Tecnológica

Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LTD, Equipa Tradução Portuguesa. **Introdução à Comunicação Não-Violenta – Workshop por Marshall Rosenberg**. 2013. (47m 19s). Disponível em: <<https://youtu.be/DdAstHY2NA>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

MARTINS, Neurilene. **Como proceder quando o aluno se nega a fazer as tarefas escolares?**. Nova Escola. [S.l.] 2014. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/659/como-proceder-quando-o-aluno-se-nega-a-fazer-as-tarefas-escolares#:~:text=As%20raz%C3%B5es%20para%20a%20negativa,materiais%20que%20favore%C3%A7am%20o%20estudo>> . Acesso em: 19 mar. 2021.

MELLO, S. A. **Algumas contribuições da escola de Vygotsky para a compreensão dos problemas de indisciplina na escola**. In: GARCIA, W. G., GUEDES, A. M. (Org.). Núcleos de ensino. São Paulo: UNESP, 2003. p.70-78.

MENIER, Jean- Pierre. PERAYA, Daniel. **Introdução às teorias da comunicação**. Tradução de Giselle Unti. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 2008.

OLIVEIRA, Sonia Grubits Gonçalves de. **A construção da Identidade Infantil: A sociopsicomotricidade Ramaia- Thiers e a ampliação de espaço terapêutico**. São Paulo: Cada do Psicólogo, 1996.

PEREIRA, José Haroldo. **Curso básico de teoria da comunicação**. Rio de Janeiro: Quartet/ UniverCidade, 2ª ed. 2003.

PEREIRA, Juliana Cristina Gomes Alberton Mendes. **“HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS” Um Projeto de Intervenção no ambiente escolar**. 2019. 23 f. Projeto de Intervenção (Especialização em Saúde para professores do Ensino Fundamental e Médio) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: < <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/59502> >. Acesso em: 03 jul. 2021.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

PIMENTEL, Alessandra. **A ludicidade na educação infantil: uma abordagem histórico-cultural**. *Psicol. Educ.*, São Paulo, n. 26, p. 109-133, jun. 2008 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752008000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 14 set. 2021.

REIS, Cristiane De Souza. **A empatia na mediação: a contribuição da comunicação não-violenta**. *Jornal Jurídico*. N.2, v.1, p. 05 -24, 2019. Disponível: <<https://www.revistas.ponteditora.org/index.php/j2/article/view/194/124>>. Acesso em: 07 out. 2020.

ROCHA, Ruth; PIRES, Hildenburg da Silva. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 13ª Edição. São Paulo: Scipione, 2005.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.

RÜDIGER, Francisco. **Às teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

- SALVADOR, César Coll (Org.). **Os explicativos do desenvolvimento humano: do desenvolvimento necessário ao desenvolvimento mediatizado**. In: Psicologia da Educação. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SANTOS, Elisama. **Educação não-violenta: como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina e resiliência em você e nas crianças**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- SASSO, B. A., & MORAIS, A. (2013). **O Egocentrismo Infantil na Perspectiva de Piaget e Representações de Professoras**. Revista Eletrônica de Psicologia E Epistemologia Genética. (5) pp. 24–51. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/3571>>. Acesso em: 19 de out. 2021.
- SILVA, A. M. B. BATISTA, E. C. BEZERRA, J. S. (2016). **Influência da educação infantil na formação da personalidade das crianças**. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wpcontent/uploads/2016/12/Influencia_da_educacao_infantil_na_formacao_da_personalidade.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.
- SIMÕES, Emília Danielle França. **As dificuldades de aprendizagem e a vulnerabilidade social**. Brazilian Journal of Development, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.34117/bjdv6n1-220>>. Acesso em 22 jul. 2021.
- VIANA, Thais Lorraine. et al. **Contribuições do sociointeracionismo para o processo de ensino aprendizagem**. Trabalho Conclusão de Curso {Especialização} - Centro Universitário UNA Betim, Betim, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14388/1/Contribui%c3%a7%c3%b5es%20do%20sociointeracionismo.pdf>>. Acesso em 19 de out. 2020.
- Vygotsky, L. S. (2001). **Psicologia Pedagógica**. São Paulo, Martins Fontes.
- _____ (1994). **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes.